

Norbert Elias no contexto político-universitário de Weimar¹

Christophe Charle²

Resumo:

As biografias disponíveis sobre Norbert Elias ecoaram os relatos autobiográficos do sociólogo, que, voluntariamente, colocou entre parênteses quase todo contexto político que explica os infortúnios de seu destino universitário. O objeto deste artigo será não somente repolitizar a figura de Norbert Elias em relação ao discurso “apolítico”, ou mesmo “antipolítico”, que ele alimentou no fim de sua vida, ao reiterar o “distanciamento” como ascese necessária para alcançar a perspectiva sociológica justa, mas também, principalmente, iluminar os contextos político-universitários nos quais ele estava imerso e que mais o afetaram em várias de suas escolhas. Articularei minhas considerações em função das três principais cidades universitárias alemãs nas quais Elias viveu ou trabalhou e farei referência, também, a Paris, uma esperança frustrada que impulsionou o grande salto em direção ao mundo anglófono.

Palavras-chave: Norbert Elias. Universidade. Política. Trajetória. Weimar.

I. Introdução

Para introduzir esta contribuição, começarei citando uma carta de Norbert Elias encontrada nos arquivos de Célestin Bouglé pertencentes aos fundos da École normale supérieure. Roubados pela Gestapo, em 1940, e depois transferidos para os arquivos soviéticos em 1945, esses documentos foram

1 Tradução de “Norbert Elias dans le paysage universitaire politique de l’époque de Weimar”, artigo inédito gentilmente cedido pelo autor, cuja origem é a intervenção oral no colóquio “L’Université et le politique”, organizado por Antonin Dubois e Julius Gerbrachte, e realizado no Instituto franco-alemão da Universidade de Frankfurt em junho de 2018. Tradução e revisão: Rodrigo da Rosa Bordignon e Camila Gui Rosatti.

2 Professor emérito de História Contemporânea na Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne, membro honorário do Institut Universitaire de France, doutor *honoris causa* pela Universidade de Genebra. Publicação mais recente: *Paris, “capitales” des XIXe siècles*, Paris, Seuil, 2021. E-mail: christophe.charle@ens.fr



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

recentemente recuperados pelos Archives nationales. Essa transferência extraordinária de documentos dos anos 1930 para outro canto da Europa nos faz reencontrar o vestígio de um então obscuro assistente judeu-alemão exilado na França, o jovem Elias, instalado em Paris após a tomada de poder por Hitler. A carta já diz muito sobre a turbulência política na qual o futuro autor de *A Sociedade de Corte* (ELIAS, [1969] 2001a) esteve imerso durante mais da metade de sua existência.

Cito a versão datilografada da carta, corrigindo os erros cometidos pela datilógrafa.

Dr. Norbert ELIAS.

Nasci em 22 de junho de 1897 em Breslau. Estudei em um liceu da cidade (Johannes Gymnasium). Conclui o baccalauréat em 1915. Continuei meus estudos na Universidade de Breslau (faculdade de filosofia), mas depois de algumas semanas precisei partir para o exército na função de telegrafista, passando em seguida para a de enfermeiro.

Em 1917, dispensado em decorrência de uma violenta depressão nervosa, pude retomar meus estudos. Trabalhei sob a orientação do professor Husserl e de seu assistente Heidegger, de Friburgo, e sob a orientação dos professores Rickert, Jaspers e A. Weber, de Heidelberg. Em 1923, realizei minha tese de doutorado com o professor Honigswald, em Breslau, sobre o tema: "Idee [sic] und Individuum". Em decorrência de dificuldades materiais do período de inflação, o trabalho não foi editado. Segui carreira universitária em Heidelberg, onde preparava, sob a direção de Alfred Weber, uma pesquisa sociológica sobre a formação da ciência moderna durante a Renascença. Para este trabalho, eu fiz pesquisas em Florença e em outros lugares. Mas, como a "Notgemeinschaft der deutschen Wissenschaft" não pôde mais colocar a minha disposição os meios necessários para continuar meu trabalho, ele permanece inacabado e inédito.

Em 1928, participei do Congresso sociológico em Zurique, cujos resumos remetem a minha contribuição. Em 1930, tornei-me assistente do professor Mannheim em *Frankfurt am Main* com o qual já trabalhava desde muito tempo em Heidelberg.

Na função de assistente em sociologia da Universidade de Frankfurt, dirigi a preparação de diversas teses de doutorado e de seminários sociológicos. Como trabalho pessoal, durante este tempo preparei um livro sobre a sociedade francesa do século XVIII, análise sociológica na qual são tratados particularmente o poder real, a corte e a nobreza. O trabalho foi aceito pela faculdade como "Habilitationsschrift", e minha nomeação como "privadozent"³ já estava aceita pelo representante do ministério, quando os recentes eventos políticos tornaram

3 N.T.: *Privatdozent* é um título tradicional do sistema universitário alemão e designa professores detentores de uma habilitação universitária, sem estarem afetados a postos no sistema de ensino ou pesquisa. Com esse título, eles podem dar conferências e cursos particulares, mas não recebem remuneração por parte do governo. O acesso à condição de *privatdozent* é, no entanto, etapa necessária para obter um posto.

impossível minha carreira universitária na Alemanha, assim como a publicação de meu livro. Um capítulo desse trabalho será tema de minha conferência no Congresso Internacional de Sociologia, em Genebra, que ocorrerá em outubro. Atualmente, realizo um trabalho sociológico sobre a recente emigração na França, suas causas, sua composição social e sua situação atual.

Dr. Norbert Elias.

Esses diversos elementos foram endereçados a Célestin Bouglé na condição de membro do Comité dos cientistas, grupo formado em maio de 1933 com o objetivo de ajudar os cientistas alemães perseguidos. Presidido por André Honnorat, ex-ministro e presidente da cidade universitária, entre seus membros, o Comité contava com Sylvain Lévi, professor no Collège de France, Joseph Bédier, André Mayer, Paul Langevin, Paul Rivet, Paul Boyer, Jean Perrin, Célestin Bouglé etc⁴. Elias depositou suas esperanças no apoio do único sociólogo desta comissão, Bouglé, diretor adjunto na ENS, cientista engajado à esquerda e que tinha algumas ligações com os sociólogos de Frankfurt⁵. Elias se encontrava, então, sem recursos em Paris, no momento em que numerosos cientistas de esquerda ou judeus alemães foram excluídos da universidade nazificada desde março. A concorrência era severa, e ele precisava convencer um comitê que tinha tendência a privilegiar os mais conhecidos ou os mais titulados. Essa função de advogado de si mesmo que percorre o texto, como veremos, explica a distorção de alguns episódios biográficos (comparados ao que podemos reconstituir com outras fontes da vida de Elias). Sobretudo, como percebemos pela simples leitura, mesmo escrevendo a cientistas claramente engajados politicamente, Elias parece voluntariamente colocar entre parênteses quase todo contexto político que explica os infortúnios de seu destino universitário. As biografias disponíveis (ou seus fragmentos de autobiografia) têm amplamente atenuado este aspecto, que, no entanto, podemos tomar conhecimento a partir de outras pesquisas, não exclusivamente centradas na trajetória de Elias.

O objeto deste artigo será não somente repolitizar a figura de Norbert Elias em relação ao discurso “apolítico”, ou mesmo “antipolítico”, que ele

4 Ver: Masthieu, 1984, p. 149.

5 Sobre os engajamentos políticos de Célestin Bouglé, ver: Vonderscher, 2018; Basch, 1940.

voluntariamente alimentou no fim de sua vida, ao reiterar o “distanciamento” como ascese necessária para alcançar a perspectiva sociológica justa, mas também, principalmente, iluminar os contextos político-universitários nos quais ele estava imerso e que mais o afetaram em várias de suas escolhas, ainda que ele nem sempre estivesse disposto a reconhecer *a posteriori*.

Articularei minhas considerações em função das três principais cidades universitárias alemãs nas quais Elias viveu ou trabalhou, ou seja, Breslau, Heidelberg e Frankfurt. Farei referência, também, a Paris, última etapa apresentada aqui, uma esperança frustrada que impulsionou o grande salto em direção ao mundo anglófono.

2. Breslau, a universidade fronteiriça

Em suas lembranças autobiográficas, Elias evoca frequentemente o universo familiar e o ambiente judeu de Breslau, do qual salienta a vontade de se integrar à sociedade alemã dominante, tomando como exemplo a figura de seu pai que exhibe orgulhosamente, detalhe simbólico, bigodes com as pontas para cima à lá Guilherme II (ELIAS, 2001b, p. 18). O único episódio político ao qual ele faz alusão antes de 1914 é o incidente entre o imperador e alguns nobres que tiveram o mau gosto de programar uma peça teatral de Hauptmann, prêmio Nobel de Literatura em 1912, originário da Silésia mas muito pouco apreciado pelo imperador após o caso dos *Tisserands*⁶. Em uma grande exposição ocorrida em Breslau na primavera de 1913 (MÜHLE, 2015, p. 200-203), encarregam-no de escrever o Le “Festspiel em rimas alemãs”, já que era o escritor mais ilustre da região. O evento foi financiado e encenado por duas personalidades judias que competiam para se integrar às festas da cidade, Arthur Barasch, proprietário de uma grande loja, e o célebre Max Reinhardt, judeu de origem vienense, também diretor de um dos grandes teatros de Berlim. Contudo, a mensagem excessivamente pacifista da peça desagradou; então, o número de apresentações foi reduzido por intervenção da Corte Imperial. Guilherme

6 N. T. Movimento de tecelões que eclodiu em 1844 na região da Silésia e foi reprimido pelo exército imperial prussiano. Em 1891, Hauptmann redige uma peça em cinco atos sobre a revolta. A peça foi censurada pela polícia de Berlim, em 1892, sob justificativa de propaganda e incitação política por abordar o tema da exploração do trabalho.

II ficou até ofendido com o evento. Elias (2001b, p. 25) nota, em suas lembranças, que esta intervenção chocou a boa sociedade liberal; em particular, a nova geração: “Isso provocou um grande escândalo, mas achávamos tudo isso ridículo. Portanto, o clima já era de bastante oposição”.

A atitude de oposição retrospectiva diante do autoritarismo e do militarismo prussianos que se atribui Elias ao final de sua vida⁷ entra em contradição com alguns fatos ocorridos dois anos depois, quando ele entra na guerra. Vimos, mais acima, que em seu *curriculum vitae* endereçado à Célestin Bouglé, Elias escreve sem rodeios: “[...] depois de algumas semanas precisei partir para o exército na função de telegrafista, passando em seguida para a de enfermeiro” (ELIAS, 2001b, p. 24).

Esta é, na verdade, uma apresentação distorcida para não chocar um universitário e ex-combatente francês que serviu, também, como enfermeiro. Elias foi, de fato, voluntário em 1915, quando tinha apenas 18 anos e poderia ter esperado um pouco mais para servir no exército. Não se trata meramente de acusá-lo de desvirtuar os fatos, mas de mostrar que ele, como todos seus camaradas, foi atingido pelo clima de unidade patriótica que prevaleceu na Alemanha e em toda a Europa durante os dois primeiros anos da guerra. Se não tivesse agido como os demais, é certo que os antissemitas o teriam acusado de covardia ou de ser um mau alemão, classificação que recaía sobre todos os judeus. É necessário lembrar, também, que Breslau pertence a uma província fronteiriça não muito longe da zona de combate com a Rússia, considerada como “bárbara”, ou às províncias polonesas consideradas como “atrasadas”. Conforme Elias (2001b, p. 27): “Na Silésia, em todo caso, crescia-se com o preconceito tácito segundo o qual os ‘polacos’ eram seres inferiores”.

Desde sua fundação, Breslau tem por função ser uma fortaleza avançada da Prússia frente à Polônia e aos eslavos, e sua prussianização foi realizada metodicamente após a anexação da Silésia, antigo território austríaco, em 1741. Durante a guerra, a posição militar da cidade ante o *front* oriental não é anódina e desenvolve um clima militarista particular. A Universidade de Breslau, no sistema prussiano, tem também um papel

7 Em particular: “Nunca fui um patriota” (ELIAS, 2001b, p. 24).

específico como vetor da germanidade, representando a linha de frente do espírito prussiano. A universidade foi instalada pela Prússia na cidade no bojo das reformas humboldtianas de 1811, por meio da fusão entre a antiga universidade de *Frankfurt an der Oder* e a antiga academia católica de Breslau, proveniente de um colégio jesuíta⁸. Juntamente com Bonn e Berlim, Breslau é a vitrine do neo-humanismo e de reformas que vão modernizar as universidades herdadas do antigo regime, mas também formar as futuras elites católicas em uma instituição ligada ao Estado protestante.

No início do século XX, Breslau estava, sem dúvida, relegada a uma posição provinciana em relação a Berlim ou Leipzig, e não tem o tradicional prestígio das universidades mais a oeste, como Heidelberg. Contudo, juntamente com Königsberg, Breslau é a universidade situada mais a leste, em contato direto com o mundo eslavo. Disso resulta um clima marcadamente nacionalista entre os estudantes e professores. É, assim, aí que se funda, em meados do século XIX uma associação estudantil “Borussia” que pratica os tradicionais rituais criticados por Elias em seu *Studien über die Deutschen* como símbolo da mentalidade de submissão e de cultura de valores militares pelos civis. Esse “Korps” excluiu os judeus no final do século XIX, e associações livres concorrentes se desenvolveram. Os estudantes são recrutados principalmente na região, ao passo que o corpo docente se renova regularmente com a vinda de professores das universidades menores e com a saída de outros em direção das maiores, visto que Breslau ocupa posição intermediária na classificação geral das universidades alemãs. Em 1920, ela conta com 5.000 estudantes, dos quais 492 nas disciplinas literárias, e 82 em 1924-1925 em filosofia (TITZE, 1995, p. 130, 138, 141). Por suas origens locais e posterior deslocamento em direção a outras universidades mais célebres, Elias é, portanto, representativo da média de sua faixa etária.

A guerra contribuiu para acentuar as tensões confessionais (protestantes, católicos e judeus) e em função das origens étnicas – imigração judia vinda do leste ou afluxo de refugiados após a anexação da Alta Silésia a Polônia nos termos do plebiscito contestado de 1921, que provocou insurreições e

8 Entre os trabalhos que abordam o crescimento e a diferenciação das universidades alemãs e, em especial, a história da Universidade de Breslau, ver: Conrads, 2004; Herzig, 1987; Petry, 1987; Titze, 1995.

mobilizações dos dois lados. Muitas manifestações antipolonesas contra a minoria estudantil polonesa ocorrem entre 1919 e 1921, particularmente na faculdade de medicina, onde Elias começa seus estudos, mas sobre isso ele não diz nenhuma palavra em suas memórias (MÜHLE, 2015, p. 223). Este clima levou à saída da maioria dos habitantes de origem polonesa, notadamente após o plebiscito sobre a Alta Silésia. A mesma intolerância e um antissemitismo crescente marcam esses anos para a minoria judaica, vítima de violências (veja o assassinato de um antigo camarada judeu de extrema esquerda relatado por Elias em suas memórias⁹, de discriminação e de xenofobia, pois uma fração da população judia advém de uma nova emigração do leste ligada à situação crítica da Polônia ou da Rússia nos anos 1920.

Temos poucas informações sobre as atividades de Elias como estudante em Breslau, salvo seu breve pertencimento ao conselho dos soldados, suas difíceis relações com seu professor Hönigswald e seu rápido abandono da medicina pela filosofia. Trabalhos recentes, contudo, permitem determinar que Elias não era apenas um estudante dedicado preparando uma tese de filosofia, a despeito das dificuldades econômicas e políticas que atravessavam a Alemanha entre 1919 e 1923, e que também atingiram sua família. Contrariamente às suas apresentações em entrevistas autobiográficas tardias, Elias se encontrava fortemente engajado no período, assim como numerosos outros estudantes dos anos 1920. Mas, ao invés de fazer parte de associações ou de partidos de direita ou de esquerda como a maioria dos estudantes, optou por uma via alternativa com a associação sionista *Blau Weiss*, na qual ele foi ativo por vários anos e cujo distintivo usou por muito tempo, até sua presença em Freiburg no seminário de Husserl, de acordo com o testemunho de uma de suas compatriotas de Breslau, Edith

9 "Uma delas foi o meu colega de escola, Bernhard Schottländer, uma pessoa muito franzina e sumamente inteligente que, com seus óculos de lentes grossas, já parecia um jovem e erudito *scholar*, mesmo quando era apenas um primeiranista, que se inclinara para o comunismo depois de ler Marx, e cujo cadáver, se bem me lembro, foi encontrado no aterro sanitário da cidade de Breslau, amarrado com arame farpado" (ELIAS, 1997, p. 172). Elias ficou particularmente traumatizado com este assassinato (isto pode ser visto na descrição da vítima, que tem muitas características físicas em comum com ele e com quem ele se identifica parcialmente). Ele também se refere explicitamente a este trágico episódio em *J'ai suivi mon propre chemin* (ELIAS, 2016a, p. 28), transcrição de uma entrevista televisiva de 1987.

Stein¹⁰. Conforme Hermann Korte (1991a), esse engajamento seria uma forma de Elias reagir contra o sentimento de desumanização que o marcou durante o período militar e, em seguida, em suas funções de enfermeiro. Embora um soldado, Elias, por causa dos tipos de deveres militares que tinha que cumprir, nunca chegou à luta no front, pois era telegrafista e depois enfermeiro. No exército, sentiu, sobretudo, o antissemitismo popular do qual ele fora parcialmente preservado, sendo filho de uma família de boas condições em um liceu multiconfessional frequentado por meninos de origem similar.

Podemos supor, também, que suas funções menos expostas foram atribuídas por soldados hostis aos judeus relativamente ao tema clássico de “proteções” ou “redes” pelas quais os antissemitas tentam explicar as posições – por vezes, proeminentes – conquistadas por alguns judeus no final do século XIX. O conjunto das experiências iniciais o levou a concluir que o desejo de integração ou respeito aos valores dominantes da sociedade alemã, como manifestado, por exemplo, pelo pai de Elias, eram vãos. Como sabemos, no pós-guerra, em decorrência da agitação revolucionária, multiplicou-se a violência dos corpos francos contra a esquerda, a extrema esquerda e os judeus, responsabilizados pela derrota. Elias teve que ser reforçado em sua convicção de que o sionismo era talvez a única saída para esta situação cada vez mais precária dos judeus na Alemanha. No entanto, não concordo plenamente com a interpretação de Korte quanto ao papel essencial da guerra, simplesmente porque o compromisso sionista de Elias, na verdade, precede a guerra e as experiências desagradáveis mencionadas. De qualquer modo, é verdade que o recrudescimento do antissemitismo durante e após a guerra só poderia fortalecer o compromisso sionista inicial do jovem Elias. Podemos ver que foi, então, quando ele assumiu posições mais importantes no movimento *Blau Weiss*, e até publicou textos teóricos na revista do movimento. Ele também critica fortemente os judeus alemães que são muito submissos e se recusam a ver a realidade da discriminação da qual são vítimas. Seu ativismo é bastante forte de 1922 a dezembro de 1925, período durante o qual ele pertencia ao conselho de administração

10 Ver Korte, 1991a, p. 5; Stein, 1976, p. 46.

de *Blau Weiss*, e até mesmo ao conselho restrito de seis membros que cercavam o presidente em Breslau (HACKESCHMIDT, 1997, p. 157).

Em uma entrevista, raramente citada e não traduzida em francês, datada de 1989 e publicada em um livro dedicado aos intelectuais judeus, Elias, revela, através de uma formulação indireta e abstrata, o significado que o compromisso sionista na época poderia ter para ele:

O sionismo, na minha juventude, e especialmente antes da fundação do Estado de Israel, era diferente do que se tornou durante o desenvolvimento do Estado de Israel. Numa época em que a mera palavra “judeu” trazia tons humilhantes, o ideal sionista de um estado específico para judeus era uma das maneiras pelas quais um judeu poderia manter seu orgulho e valor humano intactos. (ELIAS, 2002, p. 60-62).¹¹

O compromisso de Elias seria, se seguirmos esse texto, antes de tudo, uma rejeição da atitude legalista e assimilacionista de seu pai, mas também uma resposta orgulhosa às caricaturas antissemitas da maioria conservadora dos alemães: tratava-se de dar uma nova identidade aos judeus, de formar um novo homem que decide seu futuro, portanto, um projeto radical e de acordo com as manifestações que podem ser lidas nas atas das reuniões em que Elias participou. Uma carta ao seu amigo Martin Bandmann, de 14 de junho de 1920, confirma que a declaração muito posterior sobre o projeto sionista foi um eco distante do orgulho transgressor do jovem ativista da associação *Blau Weiss*:

De nós judeus, dessa massa de pessoas de menor origem, dessa multidão sem movimento, cética-cínica, relativista e já meio desesperada, que por séculos sob alta pressão e há muito desabituada a atmosfera de cultura profunda e fervorosa, que hoje não passa de uma sociedade que se mistura (a qual, o que é ainda mais terrível, deveria morrer de fome se não pudesse se misturar), desses judeus forjando uma nação cultural, esse é o objetivo. (HACKESCHMIDT, 1997, p. 159-160).

Esta caricatura violenta que retoma alguns estereótipos antissemitas (“multidão”, “uma sociedade que se mistura”, expressão bastante próxima da ideia de “grupo parasita” dos panfletos hostis aos judeus) afirma, também, uma grande ambição, quase revolucionária: “forjar uma nação

¹¹ Entrevista von Herlinde Koelbl, em Herlinde Koelbl, *Jüdische Portraits*.

cultural” (*Kulturvolk*). O sentido do engajamento de Elias é, então, muito mais vasto que a simples participação na calorosa sociabilidade de uma organização de juventude. Para retomar de modo anacrônico o título de uma célebre obra de Elias, tratava-se de contribuir para o “processo de civilização” e o nascimento de uma nova nação judaica.

2. Heidelberg, o liberalismo em perigo (1926-1930)

O distanciamento deste primeiro engajamento se realizou progressivamente em consequência das dissensões no interior da organização sobre a emigração na Palestina. Elias precisou também interromper seus estudos e trabalhar em uma empresa, quando sua família passara por dificuldades financeiras. Principalmente na segunda fase de sua vida universitária, Elias se instalou em Heidelberg em uma nova disciplina, a sociologia. O retorno aos estudos atestou o desejo de Elias de retomar seu projeto de juventude: tornar-se professor universitário. Ele teve que mudar de orientação após sua briga com seu “*doktorvater*” Hönigswald, por desacordos sobre alguns pontos das conclusões de sua tese. A decisão de trocar sua cidade natal por Heidelberg se explica, também, pelo prestígio da terceira mais antiga universidade alemã (fundada em 1386), por seu clima mais liberal, com um antissemitismo menos violento que em Breslau, e pelas ligações anteriores de Elias com a cidade, visto já ter frequentado cursos em Heidelberg durante o verão de 1919 (KORTE, 1991b, p. 28). Heidelberg também deve sua reputação em sociologia à presença da família Weber, com Alfred, irmão de Max, professor efetivo, e sua cunhada, Marianne, a viúva do ilustre sociólogo, desempenhando um papel ativo através de seu salão intelectual e seus compromissos políticos e feministas. Ser admitido neste prestigiado círculo é considerado por Elias como um trampolim essencial para uma futura carreira na nova disciplina que ele escolheu, ao menos é assim que ele apresenta as coisas em retrospectiva (ELIAS, 2001b, p. 42).

Em suas diferentes entrevistas autobiográficas, Elias insiste sobre o clima de politização em Heidelberg, tanto entre os estudantes quando entre os professores, ao passo que não diz uma palavra sobre isso para Breslau. No caso de Breslau, trata-se de uma omissão voluntária, não justificada pela realidade objetiva nem pelos engajamentos concretos de Elias, como acabamos de ver.

No que diz respeito a Heidelberg, o julgamento de Elias é confirmado pelas obras existentes, sejam trabalhos gerais sobre alunos ou professores, ou monografias sobre personalidades com quem Elias está em contato direto, como Alfred Weber, Karl Mannheim, ou acadêmicos mais jovens pertencentes a seus círculos¹². De acordo com Jansen (1992, p. 27), dos 119 professores da faculdade de filosofia durante o período estudado, 67 publicaram escritos com teor político, ou seja, muito mais do que os professores de outras faculdades (teologia, direito, medicina e ciências naturais), nas quais as taxas de universitários engajados se situa entre 9 e 18%. Na lista nominal fornecida por ele para medir a intensidade da presença desses professores na propaganda política, encontramos na liderança Emil Julius Gumbel, professor de estatística, o psicólogo Willy Hellpach, o teólogo Ernst Troelsch, o historiador Paul Schmitthenner, o jurista Gustav Radbruch, o sociólogo economista Max Weber, o historiador Hermann Oncken, o filósofo Arnold Ruge, o jurista Hans-Erich Kaden e, enfim, Alfred Weber na décima posição. Karl Mannheim também aparece nesta lista, mas em uma posição muito mais modesta por duas razões principais. Em primeiro lugar, ele não obteve uma posição de *privat-dozent* até 1926 (e depois de um difícil debate na faculdade por causa de seu passado “revolucionário” na Hungria) e permaneceu no cargo em Heidelberg apenas até março de 1930, quando foi “chamado” para Frankfurt como professor. Em segundo lugar, seu status de estrangeiro (judeu húngaro) o encoraja a certa reserva.

Se examinarmos o círculo em torno de Alfred Weber, vemos tanto uma forte politização na geração mais jovem, como também uma diversidade bastante grande, todas as nuances da esquerda e da direita estão representadas. Alfred Weber provou ser muito tolerante com o liberalismo, e também por gosto de discussão. Exemplos das figuras fortemente engajadas incluem:

Jakob Marschak (Kiev, 23 de julho de 1898 - 22 de julho de 1977): foi preso na Rússia por atividades antimilitaristas; foi libertado durante a revolução. Em 1919 tornou-se Ministro do Trabalho na República Terek¹³

12 Ver: Jansen, 1992; Giovannini, 1990; Demm, 1990, 1999; Weimarer, 1999; Blomert, 1999.

13 N.T. No conjunto das disputas entre monarquistas e grupos revolucionários que marcaram a Guerra Civil Russa (1917-1923), Terek teve seu território desintegrado e reintegrado várias vezes até a tomada de poder pelos bolcheviques.

ao norte do Cáucaso; quando os bolcheviques tomaram o poder na região, como menchevique, teve que fugir; em seguida, emigrou para a Alemanha e estudou economia em Heidelberg. Depois de várias funções em institutos econômicos, tornou-se um *privatdozent* em Heidelberg em 1930. Expulso pelos nazistas, ele finalmente foi para o exílio nos Estados Unidos, onde fez uma exitosa carreira como economista. Richard Löwenthal (1908-1991): comunista de oposição, depois socialista, membro ativo da resistência ao nazismo no exílio, passou, mais tarde, para a socialdemocracia, tornando-se, finalmente, professor de ciência política na Universidade Livre de Berlim (1961-74). Otto Jacobsen: também de orientação socialista, emigrou após 1933. Reinhold Cassirer: socialista, para sua tese, pesquisou sobre as negociações entre empregadores e sindicatos na Grã-Bretanha. Boris Goldenberg: um marxista de origem russa, emigrou para Cuba.

Além deles, devemos mencionar várias mulheres jovens, como Natalie Halperin, Nina Rubinstein, Käthe Truhel, Margaret Freudenthal, muitas delas judias e engajadas em movimentos progressistas. Elas participaram dos mesmos seminários que Elias, e também se dedicaram a pesquisas sociológicas ou históricas, um novo fenômeno para as mulheres na universidade alemã da época¹⁴. Elias, mais velho, serviu de tutor aos seus trabalhos, enquanto ele mesmo lidava com assuntos muito diferentes, fato que testemunha sua precoce autoridade intelectual derivada de seu título de doutor em filosofia e de seu papel ativo como um debatedor em seminários de acordo com vários testemunhos ou traços deixados em registros de discussão. Isso também é explicado pelo fato de Mannheim repassar a ele as atividades pedagógicas enfadonhas para o docente.

Todo este grupo universitário, contudo, não estava apenas posicionado à esquerda. Nele, também encontramos universitários que frequentam o círculo de Stefan George, normalmente apolítico, mas globalmente conservador, muitos ativistas nacionalistas que farão carreira sobre o nazismo, como Ernst Wilhelm Eschmann (1904-1987), que Alfred Weber coloca no topo de sua lista dos futuros titulados, apesar de seus engajamentos de extrema-direita e seus compromissos, mais tarde, com a universidade

14 Ver os trabalhos de Blomert, 1999, p. 243 *et seq.*; Kettler, Loader e Mejia, 2008.

normalizada pelos nazistas. Fritz Bran (1904-1994), filho de um editor, autor de uma tese sobre Herder, se engaja na retomada das relações intelectuais franco-alemãs, algo que Alfred Weber também apoiou; viveu em Paris, juntou-se ao NSDAP¹⁵, à Juventude Hitlerista, e tornou-se colaborador ativo de Otto Abetz para os *Cahiers franco-allemands*, juntamente com Abetz, um dos atores da colaboração intelectual, do lado dos alemães, durante a ocupação da França. Ele foi condenado após 1945; mas, em seguida, retomou sua atividade normal como publicitário e professor.

Em suas entrevistas, Elias mantém claramente distância de todas essas figuras que ele encontra nos seminários de Heidelberg:

Com grande tenacidade, e sob o escárnio de muitos dos meus colegas que zombaram de “Elias, o apolítico”, fiquei longe de qualquer fidelidade a qualquer uma das posições deste espectro que me pareciam ultrapassadas. Hoje, essa ainda é a minha atitude. (ELIAS, 2016a, p. 38-39).

Creio que minha grande lástima, na época, era que estava sendo difundido um grande número de informações equivocadas sobre a sociedade humana. Eu não podia concordar com todos os meus amigos que eram do partido, porque ali, como lhes dizia às vezes, era-se obrigado a mentir.

O que eu queria de fato era levantar o véu das mitologias que mascara nossa visão da sociedade, a fim de que as pessoas pudessem agir melhor e de maneira mais sensata; pois tinha a convicção de que uma visão assim deforma o olhar que se tem sobre as coisas. E a tese central de Mannheim, segundo a qual todo pensamento e ideologia, ia totalmente nesse sentido [...].

[...] de meu lado eu pretendia desenvolver uma imagem da sociedade que não fosse ideológica. E consegui. (ELIAS, 2001b, p. 45).

Assim como outras declarações retrospectivas de Elias, podemos lançar alguma dúvida sobre a análise que ele fornece. Certamente, pode ser uma posição epistemológica que torna incompatível *a priori* o compromisso e a vontade de alcançar a verdade na sociologia. Contudo, a curiosa expressão usada por Elias na segunda citação, “no partido”, faz referência, sim, à sua hostilidade a qualquer marxismo dogmático, encarnado pelo KPD¹⁶ da

15 N.T. NSDAP é sigla em alemão de “*Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei*” (Partido Nacional Socialista de trabalhadores alemães na Alemanha), mais conhecido como Partido Nacional-Socialista ou Partido Nazista.

16 N.T.: *Kommunistische Partei Deutschlands*: Partido Comunista Alemão.

época, ou ao reflexo de suas desilusões como ex-sionista diante da militância minoritária, ou mesmo a suas dúvidas diante dos erros do outro grande partido de esquerda sob Weimar, o SPD¹⁷, atravessado por múltiplas correntes e com uma estratégia cada vez mais incerta diante da crise do regime.

Para compreender essa rejeição a política, mesmo com o aumento dos perigos, é necessário evocar o clima mais geral da universidade. Como mostrou Norbert Giovannini (1990), a juventude estudantil de Heidelberg, ainda que se estivesse em uma parte da Alemanha mais liberal, estava, ela mesma, cada vez mais dividida em correntes hostis e não hesitava em atacar alguns professores situados à esquerda, como [Emil Julius] Gumbel, em razão de suas opiniões pacifistas militantes que se chocavam com a maioria nacionalista, ou mesmo reacionária entre eles. As eleições para a comissão de representação estudantil na universidade traduzem esta crescente politização e o deslocamento em direção à extrema-direita.

Tabela 1 – Resultados das eleições para a AStA¹⁸ na Universidade de Heidelberg (1924-1930)*

	Verão de 1925	Verão de 1926	Verão de 1927	Verão de 1928	Verão de 1929	Verão de 1930
% dos eleitores	69,2	77,4	70,8	70,3	74,0	76,3
% direta	54,1	62,9	62,5	61,1	65,1	60,8
% grupos republicanos	41,6	37,0	37,5	38,8	34,8	36,9
Lista nacionalista	11	12	16	17	15	11
Juventude Völkish	-	3	4	5	3	-
Associação nazista	3	2	-	-	10	17
Listas liberais	6	7	6	5	5	5
Lista católica	4	3	4	5	6	6
Lista socialista	-	-	2	4	4	6
Lista comunista	-	-	-	-	-	1

*Tabelas A e B simplificadas.

Fonte: Adaptada de Giovannini (1990, p. 134).

17 N.T.: Sozialdemokratische Partei Deutschlands: Partido Socialdemocrata Alemão.

18 N.T.: Allgemeine Studierendenausschuss: Comitê Geral dos Estudantes.

Vários resultados da tabela indicam isso: a participação crescente e a afirmação dos antagonismos de orientação política. Se a relação de força entre os grupos hostis ou favoráveis à República se mantém estável (com algumas variações, cerca de 2/3 a favor das listas nacionalistas e de direita), é no interior do deslocamento da direita que a radicalização se afirma. Os grupos nacionalistas e *völkisch* dominantes em 1927 (20 e 22 cadeiras, se somados) perdem votos e cadeiras frente aos extremistas da associação estudantil nacional-socialista, cuja ascensão é mesmo anterior ao sucesso eleitoral do partido já com 10 cadeiras em 1929, e 17 em 1930, ou seja, antes mesmo que a crise econômica e social pudesse se fazer sentir. São, ao mesmo tempo, as reivindicações nacionalistas em uma região de braços com “grupos irrendistas”¹⁹ traumatizados pela ocupação da margem esquerda do Reno, as lembranças da ocupação do Ruhr e a perda da vizinha Alsácia-Lorena que motivam sua aproximação com um clima antissemita cada vez mais forte, como testemunham numerosos incidentes entre corporações que recusam os judeus e associações “mistas”. A notável presença de estudantes judeus, frequentemente de esquerda, mas também de professores judeus e de esquerda alimenta a narrativa antirrepublicana das famílias tradicionais hostis ao regime. Os novos estudantes, normalmente de origens mais modestas, estão igualmente inquietos por seu futuro em função da temática, muito frequente na época, da superprodução de diplomados. Contudo, os trabalhos existentes não permitem estabelecer correlações finas, mas é, ao menos, a visão que Elias tinha na época, como avaliza um artigo publicado por ele em 1929 na revista da comunidade judaica de Mannheim e Ludwigshafen, e recentemente traduzida em francês na revista *Annales, histoire sciences sociales*²⁰. A visão, fortemente economicista do sociólogo, se resume assim: “O antissemitismo é, antes de tudo, sustentado pelas camadas burguesas para as quais este espaço econômico se retraiu ainda mais desde o período pré e durante a guerra” (ELIAS, 2016b).

19 N.T.: Grupos nacionalistas que defendem a anexação de certos territórios de outros países, alegando razões históricas, políticas, étnicas ou linguísticas.

20 ELIAS, N. Sociologie de l'antisémitisme allemand. *Annales Histoire sciences sociales*, n. 2, p. 379-384, avril-juin 2016 – primeira publicação em *Israelitische Gemeindeblatt*. Offizielles Organ der Israelitischen Gemeinde Mannheim und Ludwigshafen, 13, Kislev 5690, 7-12, p. 3-6, 1929 – republicado em *Frühschriften* (ELIAS, 2002, p. 117-126).

Para ele, as bases do movimento nacional-socialista são compostas pelo pequeno comércio independente, por parte do grande comércio e de certos setores da indústria média, até mesmo os camponeses ou a grande propriedade da terra em declínio. Essa rejeição também se difunde entre o “*Lumpenproletariat*”, os desempregados, e aos trabalhadores agrícolas impulsos “por esse tipo de palavras simples contra o que é estrangeiro e estranho” (ELIAS, 2016b). Nesta análise domina, portanto, uma explicação exclusivamente econômica e política, focada nas relações de força e na conjuntura positiva ou negativa. Elias não leva em conta, entretanto, o antissemitismo racista que foi claramente exposto, na época, por componentes do movimento *Völkisch* ou do Partido Nazista. Sua conclusão é, ao mesmo tempo, pessimista no curto prazo (enquanto durarem a crise e as tensões sociais, não poderemos trazer as pessoas a razão), e otimista no longo prazo (uma melhor conjuntura, uma nova prosperidade deveria secar as fontes do antissemitismo). Suas conclusões práticas parecem, no entanto, curtas e pouco encorajadoras para aqueles que o interrogam como *expert*: não devemos esconder nosso rosto (“um olhar lúcido para a situação é sempre melhor do que mentir para nós mesmos”), mas devemos nos resignar enquanto esperamos por dias melhores, ou escolher a solução sionista de partir para a Palestina, precisamente aquela que Elias recusou em 1933, apesar de seus compromissos sionistas anteriores. Sua visão evoluiu rapidamente no contexto de sua nomeação como assistente de Karl Mannheim a partir de 1930.

3. Frankfurt, o agravamento dos perigos (1930-1933)

A Universidade de Frankfurt representa um caso distinto quando comparado a Breslau ou Heidelberg. Com uma fundação recente (1914), e com um importante financiamento despendido pela cidade por iniciativa de sua grande burguesia, principalmente composta por judeus, ela é uma das primeiras a dispor de uma faculdade de ciências sociais independente, o que explica sua atratividade exercida sobre jovens sociólogos, como Mannheim, Elias ou aqueles que chamaremos de membros da Escola de Frankfurt, reunidos no *Institut für sozialforschung*. Esse, nascido pela iniciativa de um mecenas (1924), é relativamente independente da universidade, a despeito da proximidade espacial e de suas cooperações. Mesmo sendo

uma instituição mais jovem, com um crescimento rápido, a Universidade de Frankfurt alcançou os mesmos efetivos estudantis (4.043 em 1931) que Breslau (4.481) ou Heidelberg (3.701). Sua faculdade de ciências sociais e de economia contava, em 1930, com 11 cadeiras, frente as 13 da faculdade de filosofia, um índice de grande modernidade. Considerada pelos nazistas como uma universidade “judia”, ela sofreu, em 1933-34, um expurgo marcante de seus professores e uma forte diminuição de seus efetivos estudantis. Um terço dos professores foi expulso por razões raciais ou políticas, e, em determinado momento, houve temor de seu fechamento total (TITZE, 1995, p. 167-168)²¹.

Este resultado fatal foi pressentido por Elias no momento da ascensão do nazismo. Em suas memórias, mesmo se confundindo com as datas, evoca o grande comício de Hitler durante a campanha presidencial de 1932. Ele procurou assistir para tentar compreender o que instiga as massas a serem tomadas por uma espécie de histeria quando o Führer fala em público. Aqui o testemunho de Elias:

Mas acompanhava a vida política com muito interesse. Quando Hitler fez um discurso em Frankfurt, fui escutá-lo.

Devia ser final de 1932 ou início de 1933. Havia anunciado que ele faria um grande discurso, e eu estava impaciente para vê-lo em carne e osso. Mas era perigoso, pois poderiam perceber que eu era judeu. Por outro lado, minha fisionomia também podia me fazer passar por um aristocrata, se me disfarçasse para tal; se trocasse meus óculos por um monóculo, usasse um chapéu de caçador e me vestisse de outra maneira, eu seria um outro homem. Foi assim que atravessei a barreira formada pelas SS, tendo ao lado dois gigantesco estudantes de aparência bastante ariana.

Era fascinante [...] O Führer fez a massa superexcitada esperar quase duas horas; entoavam-se cantos patrióticos e, às vezes, eu também tinha que mover os lábios, pois não podia ser o único a permanecer em silêncio. Em certo momento, deixei a reunião por um instante e dei de cara com um colega assistente que era nacional-socialista. Foi um momento bem estranho, mas foi nesse momento que o Führer chegou.

Era realmente um orador fora de série. Uma coisa me ficou particularmente na lembrança: o momento em que ele deu sua bênção às crianças, no final. Eu nunca vivera algo similar antes! Ele fez as crianças se aproximarem, colocou-lhes as mãos sobre a testa e lhes falou. E a massa ficava loucamente entusiasmada.

21 Ver também em Hammersteins, 1989.

Eu ia a esse gênero de manifestações para ter uma ideia das coisas, para ser capaz de compreendê-las e vê-las com meus próprios olhos. (ELIAS, 2001b, p. 55).

Ao estar presente em um lugar como aquele, Elias nota que, por causa de seu aspecto físico, poderia ser considerado judeu, pois seu perfil correspondia às caricaturas feitas pelos nazistas antisemitas. O sociólogo não cedeu apenas à curiosidade, a despeito de seu apolitismo indicado mais acima. Ele também percebeu que atravessam um período crítico. Não é mais possível escamotear a realidade diante de si, como os comunistas, esperando que uma revolução a miraculosa que colocaria fim a catástrofe. É a mesma percepção de sua amiga e estudante de doutorado Margarethe Freudenthal, que descreveu o mesmo comício em suas memórias. Deste ponto de vista, é interessante confrontar as duas narrativas e relacioná-las ao clima político em Frankfurt, muito distante do clima interno da faculdade de sociologia ou do Institut für Sozialforschung, como veremos adiante. A outra testemunha precisou esperar muito mais que Elias pois, para conseguir um bom lugar, ela chegou no meio do dia enquanto a chegada de Hitler estava marcada para a noite, no final de uma turnê eleitoral pelas cidades vizinhas. Ao contrário de Elias, ela descreve como se ocupava e se incentivava o público com músicas cativantes nos alto-falantes e desfiles de tropas paramilitares, ou com a projeção de filmes. Anunciavam também o itinerário de Hitler em direção a Frankfurt, para manter o suspense e mostrar sua marcha triunfante de cidade em cidade. Para manter a tensão, as mulheres não eram deixadas de fora. Freudenthal (1977, p. 112-113) escreve sobre elas: “As mulheres gritam histericamente, tudo está em estado de transe – onde eu já senti isso? Oh, sim, o Exército da Salvação, quando estava em Londres – este era um novo Exército da Salvação”.

Por causa dos gritos da massa, ela se recorda muito mais do que disse Hitler (enquanto Elias insiste sobre suas qualidades de orador), mas também se lembra de sua impressão transmitida a familiares após o comício: “*Das kommt!*” “vai acontecer!”. Ela prevê que Hitler tomará o poder, o que seus parentes se recusavam a acreditar (ainda falta um ano para a tomada de poder). Por precaução, ela comprou um Opel usado e aprendeu a dirigir, caso fosse necessário fugir. Durante uma conversa com Elias, situada por ela entre novembro e dezembro de 1932, enquanto retornavam do

seminário de Mannheim, eles chegam à conclusão que não são mais bem-vindos na Alemanha. Então, Elias diz a ela que a única solução era que partisse para a Palestina, embora ele mesmo “antigo sionista teórico” jamais tenha imaginado esta possibilidade, como ficará evidente depois, com sua partida para a França.

Os prognósticos dos dois amigos se confirmaram muito rápido, com a chegada dos nazistas ao poder. Elias relembra sua preocupação com o ataque da SA ou SS ao instituto.

Foi em fevereiro de 1933 que subitamente me dei conta de que devia verificar se não haviam ficado papéis comprometedores em nosso instituto. Fui lá, então, e encontrei a lista dos membros do “grupo de estudantes vermelhos”; havia um monte de coisas comprometedoras, como, por exemplo, uma lista nominal completa de nossos alunos. Vasculhei em todas as salas de nosso instituto, levando tudo o que me parecia mais ou menos suspeito. Quando as SS vieram me buscar alguns dias mais tarde para que lhes devolvesse as chaves do instituto, mostrei-me bastante insolente, pois sabia que não encontrariam nada [...]. Um tenente SS – ainda vejo a cena – olhou as prateleiras de livros e pegou um volume de Marx: “Ah! Marx, evidentemente! Esses comunistas sujos aqui [...]”. (ELIAS, 2001b, p. 57).

Mesmo que, *a posteriori*, apresente as coisas de forma benigna, Frankfurt foi particularmente uma vítima dos expurgos, e Elias muito cedo decidiu ir para o oeste, pois seus interesses intelectuais fizeram da França um atrativo desde que ele terminara seu manuscrito de habilitação sobre o homem da corte, embrião do livro posterior sobre a sociedade da corte. Elias não foi o único a tomar esta atitude, mais de um terço do corpo docente de Frankfurt fora atingido, de acordo com Jean-Philippe Mathieu (1984).

Referências

BASCH, V. Bouglé citoyen. In: _____. **Célestin Bouglé (1870-1940)**. Paris: Imprimerie administration centrale, 1940. p. 47-49.

BLOMERT, R. **Intellektuelle im Aufbruch, Karl Mannheim, Alfred Weber, Norbert Elias und die Heidelberger Sozialwissenschaften der Zwischenkriegszeit**. Munich: Carl Hanser Verlag, 1999.

CONRADS, N. (hg.). **Die Tolerierte Universität, 300 Jahre Universität Breslau 1702 bis 2002, Katalogbuch zur Ausstellung**. Wiesbaden; Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 2004.

DEMM, E. **Ein Liberaler in Kaiserreich und Republik**: der politische Weg Alfred Webers bis 1920. Boppard am Rhein: H. Boldt, 1990.

DEMM, E. **Von der Weimarer Republik zur Bundesrepublik**: der politische Weg Alfred Webers 1920-1958. Düsseldorf: Droste, 1999.

ELIAS, N. **Os alemães**. A luta pelo poder e a evolução do habitus. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, N. [1969]. **A Sociedade de Corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001a.

ELIAS, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2001b.

ELIAS, N. **Gesammelte Schriften**, vol. 17. Suhrkamp, 2002.

ELIAS, N. **J'ai suivi mon propre chemin**. Paris: Editions sociales, 2016a.

ELIAS, N. Sociologie de l'antisémitisme allemand. **Annales Histoire sciences sociales**, n. 2, p. 379-384, avril-juin 2016b. (Tradução de Dany Trom).

FREUDENTHAL, M. **Ich habe mein Land gefunden**. Frankfurt: Klein, 1977.

GIOVANNINI, N. **Zwischen Republik und Faschismus**. Heidelberger Studentinnen und Studenten 1918-1945. Weinheim: Deutscher Studienverlag, 1990.

HACKESCHMIDT, J. Von Kurt Blumenfeld zu Norbert Elias. **Die Erfindung einer jüdischen Nation**. Hamburg: Europäische Verlagsanstalt, 1997.

HAMMERSTEIN, N. **Die Johann Wolfgang Universität Frankfurt am Main**. Von der Stiftungsuniversität zur staatlichen Hochschule, Bd. 1, Neuwied/Frankfurt, 1989.

HERZIG, A. Die Vereinigung von Leopoldina und Viadrina 1811. **Jahrbuch der schlesischen Friedrich-Wilhelms Universität zu Breslau**, vol 28, 1987.

JANSEN, C. **Professoren und Politik**. Politisches Denken und Handeln der Heidelberger Hochschullehrer 1914-1935. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht 1992.

KETTLER, D.; LOADER, C.; MEJIA, V. **Karl Mannheim and the Legacy of Max Weber: Retrieving a Research Programme**. London: Routledge, 2008.

KORTE, H. Norbert Elias in Breslau, ein biographisches Fragment. **Zeitschrift für Soziologie**, jg 20, heft 1, februar 1991a, p. 3-11.

KORTE, H. **Der Menschenwissenschaftler Norbert Elias**. Zur Biographie eines Klassikers. Fernuniversität Gesamthochschule Hagen, 1991b.

MATHIEU, J-P. Sur l'émigration des universitaires. In: BADIA, G. (dir.). **Les bannis de Hitler**. Vincennes, PUV, 1984.

MÜHLE, E. **Breslau, Geschichte einer europäischen Metropole**. Cologne, Weimar, Vienne: Böhlau, 2015.

PETRY, L. Breslau als schlesische, preussische und deutsche Universität. **Jahrbuch der schlesischen Friedrich-Wilhelms Universität zu Breslau**, vol 28, 1987.

STEIN, E. **Selbstbildnis in Briefen, Erster Teil, 1916-1934**. Freiburg: Edith Steins Werke Bd VIII, 1976.

TITZE, H. *et al.* (hg.). **Wachstum und Differenzierung der deutschen Universitäten 1830-1945**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

VONDERSCHER, T. Penser, agir, échouer. Itinéraire politique de Célestin Bouglé (1900-1914). **Cahiers Jaurès**, n. 227-228, janvier-juin 2018.

WEIMARER, V. **Republik zur Bundesrepublik: der politische Weg Alfred Webers 1920-1958**, Düsseldorf, Droste, 1999.

Recebido em 01/02/2022
Aceito em 04/02/2022
Versão final em 04/02/2022;

Norbert Elias in the Weimar political university context

Abstract:

The available biographies on Norbert Elias have echoed the autobiographical narratives of the sociologist, who has voluntarily bracketed almost all the political contexts explaining the misfortunes of his academic destiny. The aim of this article will be not only to re-politicize the figure of Norbert Elias in relation to the “apolitical”, even “anti-political” discourse he sustained at the end of his life by reiterating “detachment” as the asceticism necessary to achieve a correct sociological perspective, but above all to shed light on the political-academic contexts in which he was immersed and which most affected him in several of his choices. I will articulate my considerations in terms of the three main German university cities in which Elias lived or worked, and I will also make reference to Paris, the frustrated hope that motivated the great leap to the English-speaking world.

Keywords: Norbert Elias. Trajectory. University. Politics. Weimar.